

Os donos da História p. 4

Segurança na rede p. 6

Por que ler os clássicos? p. 8

Gritos e sorrisos p. 12

Cultura de cooperação

Como os professores de atividades culturais do Sabin se tornaram um grupo mais coeso e o que o Colégio tem a ganhar com isso. p. 10



Menos fronteira, mais diálogo

Na educação de crianças e jovens, o que cabe à escola e o que cabe à família? Recentemente, fui convidada a participar de uma mesa-redonda, na qual pude refletir sobre essa questão, acompanhada de cinco outros diretores pedagógicos e de uma plateia de educadores. No fim do evento, que recebera o nome de “Família e Escola: fronteiras em transição”, havíamos chegado ao consenso de que falar em transição – ou seja, dizer que os papéis atribuídos à família e à escola estariam se redesenhando – talvez não fosse o suficiente. Pareceu-nos mais correto considerar que as tais fronteiras, se ainda existirem rígidas, são ultrapassadas.

À escola, isto é óbvio, cabe a escolarização. Mas Educação é maior que escolarização. Educação diz respeito a aprendizados de natureza diversa, não apenas ao que está nos livros e currículos. É a formação integral do indivíduo – intelectual, moral, emocional, social – e envolve, necessariamente, a família. Mais que fronteiras, assim, existe interseção, uma área em que escola e família se encontram e, idealmente, cooperam.

Por isso é tão importante, para o Sabin, promover espaços de aproximação com as famílias, criar um ambiente em que o diálogo exista e, mais que isso, que seja estimulado. São fundamentais, para nós, nossas reuniões de pais no

início de cada trimestre, assim como os encontros que mantemos com cada família individualmente, sempre que necessário.

Também pelo mesmo motivo, promovemos regularmente aulas abertas e apresentações artísticas e esportivas de nossos alunos. Enquanto as apresentações – de Teatro, de Coral, de Esportes, em datas comemorativas – mostram parte do resultado do trabalho educacional, as aulas abertas permitem um olhar sobre o processo desse trabalho, a relação entre alunos e professores, entre alunos e colegas, entre alunos e a escola em si. Em ambos os casos, nosso intuito é que pais e mães se sintam convidados e acolhidos a participar de um processo que continua em suas casas, no acompanhamento do site do Colégio, nas conversas familiares à mesa do jantar (“Como foi a aula, filho?”) e, na verdade, em todos os momentos da vida, já que, como afirmamos, a Educação é muito mais do que assuntos escolares.

Se educar pressupõe oferecer exemplos e ensinar valores, somente afinando nossos valores e nosso entendimento sobre que exemplos queremos passar para nossos filhos e alunos – em casa, na escola, na sociedade – é que poderemos ser bem-sucedidos na tarefa. E é por isso que, antes de estabelecermos fronteiras, sempre preferiremos estabelecer parceria e diálogo.



Giselle Magnossão
Diretora Pedagógica do Sabin
giselle@albertsabin.com.br



PARCERIA DURADOURA

Em 2015, **Fabíola Campos Ribeiro** e o Sabin completarão uma década de parceria. Mãe de Isabella Marti, aluna do 9º ano do Fundamental, e de Gael Campos Ribeiro, 4º ano, Fabíola opina sobre o espaço que as famílias têm para dialogar com o Sabin e participar da educação dos filhos.

“É uma escola que dá bastante abertura não só no sentido de reuniões, mas de integração com as famílias. Apesar de ser um colégio grande, há uma ligação muito forte com cada família, os professores conhecem os alunos pelo nome, sabem quem são os pais.

Além das reuniões mais abrangentes, para toda a sala, temos conversas particulares sempre que eles

sentem que alguma coisa pode prejudicar o rendimento do aluno. Eles não deixam virar um problema, é uma abordagem preventiva.

Uma semana depois das férias de julho, o Gael sofreu um acidente de bicicleta e teve de passar 15 dias no hospital. Perdeu aulas, provas. O Sabin foi muito parceiro, deu abertura para que a Isabella pegasse as tarefas dele, ajudou meu filho a recuperar as aulas.

Sinto como uma divisão de responsabilidades. Como mãe, levo minha ‘lição de casa’ para ajudar meus filhos. E o acompanhamento do Colégio pós-reunião é muito completo.”

EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br – Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin Mantenedores: Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima Direção Pedagógica: Giselle Magnossão Direção Administrativa: Fernando A. Mello Marketing: Adriana Vaccari Colaboradores: Áurea Bazzi, Denise Araújo, Dionéia Menin, Giselle Magnossão, Laércio Carrer Diagramação e Arte: Giovanna Angerami Redação: Alexandre Bandeira Jornalista Responsável: Alexandre Bandeira MTb 49.431 Produção Gráfica: Ricardo Gomes Moisés Fotografia: Rodrigo Jacob Revisão: Adriana Duarte, Denise Aparecida Masson Impressão: Flor de Acácia Esta é uma publicação da Baraúna Comunicação – Tiragem de 5.000 exemplares – Distribuição gratuita – Novembro de 2014

A ficha caiu

Especialista em Ecopolítica diz confiar nas novas gerações para resolver “o maior desafio que a humanidade já enfrentou”.

Faltavam dez dias para o segundo turno das eleições quando o MAIS entrevistou o sociólogo, cientista político e especialista em Ecopolítica – título de sua coluna na rádio CBN – SÉRGIO ABRANCHES. Ele mostrava-se descontente com a pouca atenção dada aos desafios da sustentabilidade pelas campanhas dos candidatos à Presidência. Dizia-se confiante, porém, de que os ventos estão mudando em direção a uma nova consciência ambiental. Com o efeito das mudanças climáticas assumindo caráter real e imediato nos lares paulistas, devido à seca que assola o Estado, reflexões como a do entrevistado não poderiam ser mais pertinentes, principalmente para aqueles que vão ter de assumir a maior parte da tarefa de repensar o planeta: os estudantes.



seca se espalha, as pessoas começam a ver a coisa de forma diferente. Se você fala “Se desmatar a Amazônia, não chove em São Paulo”, as pessoas imediatamente pensam “Caramba, não vai ter água”.

Está “caindo a ficha”?

Com certeza. Está se formando um consenso na sociedade brasileira que contrasta com uma insensibilidade que ainda persiste na esfera política. Há uma explicação mais geral para isso: hoje, temos uma sociedade digital, que muda rapidamente, e um sistema político analógico, que muda

devagar. Essa desconexão é generalizada em todas as democracias do mundo e está gerando muita insatisfação, movimentos de rua, protestos.

Qual o papel da escola no enfrentamento dos desafios ambientais?

O século XXI vai ser de grandes transformações por três razões fundamentais. A primeira é a mudança climática, que é o maior desafio que a humanidade já enfrentou. A segunda é essa revolução científico-tecnológica que vai alterar tudo o que fazemos: a Medicina, a Engenharia de Materiais, a energia... Esse segundo eixo de transformação está associado à mudança climática, porque em parte ajuda a enfrentar o problema, em parte o faz aumentar. A terceira razão é essa desconexão entre a sociedade digital, que muda aceleradamente, e o sistema político analógico, lento, conservador. Como é que você muda o sistema político? Como a gente se adapta a esse processo de transformações alucinadas? Com Educação. Para produzir um indivíduo capaz de lidar com o mundo para o qual ele não está sendo preparado. Um grande neurocirurgião me disse: “Meus alunos estão aprendendo uma Medicina que não vão praticar. Tenho de fazer com que eles sejam não apenas exímios na Medicina que está morrendo, mas capazes de aprender rapidamente a Medicina que vai nascer”. O estudante tem de estar atento à novidade, entender para onde sua área profissional está indo, quais tendências podem ser a semente da nova forma de exercer sua profissão. A escola deve ajudá-los nisso.

O Sr. diz que o meio ambiente não recebeu a devida atenção nessas eleições. Sustentabilidade não rende voto?

Difícil responder. As pesquisas de opinião convencionais não indicam preocupação relevante com a questão. [Mas participei] de uma pesquisa, em março, especificamente sobre meio ambiente, e, quando você começa a fazer mais perguntas sobre o tema, percebe que as pessoas têm enorme grau de preocupação. Segundo essa pesquisa, entre as maiores preocupações das pessoas, segurança pública é a primeira, depois vem saúde, e a questão ambiental é a terceira. Numa pergunta sobre voto, 56% disseram levar em consideração a posição [dos candidatos] em relação à mudança climática.

Será que as pessoas têm percepção real dos desafios ambientais?

Não têm, porque a discussão tem ficado no plano científico ou da militância. O cientista se comunica mal, e o militante tende a radicalizar a questão – é o seu papel, sem radicais não conseguimos avançar. Mas agora as conexões estão começando a aparecer. Essa seca que atinge São Paulo pode atingir o Rio de Janeiro, sempre atingiu o Nordeste, é comum no Cerrado e já atingiu a Amazônia duas vezes neste século – quando essa



Alunos do 4º ano vestem-se como antepassados: compreendendo o valor da História.

Os donos da História

Alunos investigam suas raízes e percebem como a História os ajuda a compreender seu lugar no mundo.

Era uma vez, na vida de todos nós, um tempo em que o passado não fazia sentido e que o mundo sempre havia sido do jeito como o conhecemos ao nascer. Tente explicar para uma criança pequena como foi a sua infância. Para ela, histórias de uma época sem internet, sem telefones celulares, *sem internet nos telefones celulares*, podem parecer tão fantásticas como um conto de fadas. Falar de trinta anos ou trinta séculos atrás dá no mesmo: para a criança, o tempo ainda não vai além de alguns dias, semanas, meses, se tanto.

Antes de ensinar História, assim, é preciso fazer a criança entender o conceito de História: a ideia de que o mundo é anterior às nossas primeiras memórias e

de que uma infinita sucessão de eventos e transformações, desde o passado mais remoto, determinou tudo o que existe hoje, incluindo a nossa própria existência. Não é uma ideia simples.

Segundo a assessora de História e Geografia **Luciana Acorsi**, é no primeiro ciclo do Ensino Fundamental que a escola inicia “um intenso trabalho com cronologias, para que os alunos *comecem a internalizar* – só mais à frente eles serão capazes de compreender de verdade – o conceito de temporalidade, de passado, presente e futuro”. Assim, a partir do 2º ano, os alunos do Sabin passam a elaborar árvores genealógicas e “linhas do tempo” pessoais (fotografias do álbum de fa-

mília do aluno, ordenadas em sequência cronológica), a produzir textos com relatos de memória e a acompanhar sistematicamente o calendário, tudo para que consigam “visualizar” a passagem do tempo de forma mais concreta. É só depois desse trabalho inicial que as professoras dão um importante salto conceitual no projeto pedagógico, avançando da história pessoal da criança para a História com H maiúsculo – e para o campo em que ambas se relacionam.

Implementado no 4º ano do Fundamental, o “Projeto Imigrantes” é um bom exemplo desse momento. O projeto é inspirado, entre outras leituras, pelo livro *Nas Ruas do Brás*, no qual o médico Drauzio Varella relembra passagens de sua infância no bairro paulistano, tradicional reduto de imigrantes como os seus avós maternos (portugueses) e seu avô paterno (espanhol). Da mesma forma, os alunos são estimulados a investigar suas próprias raízes.

“Pedimos a eles que tragam objetos, fotografias, roupas que estejam em suas famílias há gerações”, diz Luciana. “Provocamos discussões sobre as diferenças culturais de seus antepassados. Comparamos hábitos, por exemplo, perguntando o que cada família costuma comer em dias de festa.” O exercício leva os pequenos descendentes de italianos, portugueses, espanhóis e japoneses, entre outras nacionalidades, primeiramente, a identificar e a respeitar suas diferenças. Em segundo lugar, a se perceberem parte de uma realidade mais ampla e complexa do que o seio familiar: eles aprendem sobre a grande onda de imigração do fim do século XIX, quando as fazendas de café do Sudeste brasileiro precisaram importar mão de obra para substituir os escravos recém-alforriados (antes, eles haviam aprendido sobre o período escravocrata).

O aprendizado culmina em uma visita, na penúltima semana de outubro, à Fazenda Nossa Senhora da Conceição, em Jundiá, que em meados do século XIX chegou a possuir 350 mil pés de café e 120 escravos. No roteiro de estudos entregue aos alunos para guiá-los durante a visita, as professoras do 4º ano deixam claro que não se trata de um simples passeio: “Não vamos como turistas para apreciar lindas e curiosas paisagens, mas sim como pesquisadores”.

Há, de fato, muito o que se observar na fazenda, que mantém preservadas sua casa grande, sua senzala, sua capela, além de oferecer aos alunos a chance de conhecer um cafezal e o meio natural ao redor. A turma é orientada a perceber e a registrar, em textos e em fotografias, como prédios, móveis, objetos e a própria natureza revelam vestígios de uma época que já passou, mas que ainda tem muito a ver com o mundo atual. “Os alunos estão começando a introjetar o valor da memória material, a importância da preservação de documentos e sítios históricos como fonte de conhecimento”, diz Luciana.

Embora as implicações desse aprendizado ainda não sejam inteiramente assimiladas nessa faixa etária, o projeto serve como germe de uma percepção importantíssima: a de que a história contextualiza nossas identidades – de que todos nós, em maior ou menor medida, viemos do café, da ferrovia que ligava o interior paulista ao porto de Santos, dos aposentos luxuosos dos barões às modestas habitações dos trabalhadores estrangeiros e às correntes que aprisionavam os escravos.

Sobretudo, diz a assessora, perceber-se parte da história é perceber-se parte de um mundo em constante evolução. “Se tomamos consciência de que as coisas mudam, podemos ser, nós mesmos, agentes da mudança.”



FIM DE UM CICLO (I)

Falta pouco para **Marcela Murad** e **Fábio Soares** descobrirem como é a vida do outro lado do Sabin. Alunos do 5º A, eles concluem neste ano o ciclo I do Fundamental, com aulas no Prédio Da Vinci, e iniciam em 2015 o Fundamental II, no Monet. Ambos confessam ansiedade – reação natural que o Colégio busca amenizar com ações específicas, como uma palestra de apresentação do coordenador do segundo ciclo, Laércio Carrer, e uma conversa informal com alunos do 6º ano sobre como enfrentaram o mesmo momento. O MAIS falou com Marcela e Fábio sobre o assunto.

Estão ansiosos pelo 6º ano?

Fábio: *Acho que vai ter muita prova e lição. Meu irmão falou que as provas têm várias folhas e tempo limite.*

Marcela: *Vai mudar muita coisa, ter mais matérias.* [N.R.: O número de disciplinas é o mesmo, porém são mais professoras.] *Até o 5º ano, dá para tirar dúvidas de uma matéria na aula de outra, porque a professora é a mesma.*

Mas vocês não sentiram o mesmo antes do Fundamental II?

Quando sai do Pré I, fiquei nervosa e falei para minha mãe que ia ser mais difícil, mas já no primeiro dia foi tranquilo. Fiquei nervoso com minha primeira prova, no 2º ano – lembro que era de Ciências –, mas eu tirei 10.

Segurança na rede

Como o Sabin orienta os alunos para evitarem comportamentos de risco no mundo virtual.

Como muitos jovens de sua idade, **Lucas Alves**, Aluno do 9º ano F do Ensino Fundamental do Sabin, gosta de *games*. Como muitos jovens de sua idade, Lucas entra em contato com jogadores de diversas partes do mundo, com os quais costuma conversar enquanto disputam partidas *on-line*. Diferentemente de alguns amigos, porém, ele hesita em adicionar esses desconhecidos a suas redes sociais. “Procuro saber bastante quem é a pessoa, se é do bem ou se não é”, diz o garoto, explicando que sempre verifica o perfil da pessoa em mais de uma rede

social para comprovar sua autenticidade. “E não dou o número do meu celular. Tem gente que dá.”

A prudência de Lucas e a imprudência de alguns de seus amigos servem de exemplo ao que diz o professor de Informática do Sabin, **Paulo Fontes**: “Os comportamentos de risco que alguns jovens apresentam na internet são causados por inconseqüência, e a inconseqüência não vem da internet”. Segundo o professor, embora potencialize alguns perigos, não é o mundo virtual, em si, a causa desses perigos.

Ilustração por **Beatriz Bernava**, 9º ano F



Como coloca o coordenador pedagógico do Fundamental II, **Laércio Carrer**, a abordagem do Colégio ao tratar de internet com os alunos “não é a de demonizar a rede, nem ser moralista”, mas fazer os alunos entenderem que as mesmas regras de responsabilidade, bom senso e ética que nos regem *off-line* também valem *on-line*.

Tome-se o risco da exposição pública de conteúdos privados, como fotos e vídeos, por exemplo. Por um lado, é de fato mais fácil, hoje em dia, ver-se vítima dessa exposição: ao contrário de fotos em papel, que podiam ser guardadas em um único lugar, fotos digitais estão no celular (que pode ser perdido ou roubado), em um HD ou ainda em canto nenhum, na “nuvem”. Por outro

lado, manter certo grau de privacidade sobre a própria vida e escolher cuidadosamente quando e com quem compartilhar detalhes de caráter íntimo são atitudes recomendáveis e sensatas em qualquer circunstância, com ou sem internet. “Vejo, por exemplo, alunos compartilhando senhas, que deveriam ser pessoais e intransferíveis, com seus amigos ou namorados”, diz o professor Paulo. “Eu pergunto a eles: e se, por acaso, vocês brigarem? Terminarem o namoro? Compartilhar tanto assim não é necessário.” O mesmo vale para fotos e vídeos postados em redes sociais ou trocados entre amigos, via *chat*.

Paulo usa raciocínio semelhante ao falar de outra prática que preocupa pais e professores. “O chamado *cyberbullying* ou *bullying* virtual é um assunto sério, porque tem a capacidade de se espalhar muito rapidamente na rede”, diz. “Mas, na verdade, o *bullying*, por si só, já é um assunto sério.” Ao fazer tal ressalva, o professor deixa claro que não há uma regra que condene o *bullying* e outra que condene o *cyberbullying* – o erro é o mesmo.

Se quem pratica o *bullying*, dentro ou fora da rede, comete o mesmo erro, quem sofre também deve, segundo o professor, tomar as mesmas medidas. “Denuncie. Converse com um adulto, com seu professor, com seus pais. O diálogo é essencial!”

O estímulo ao diálogo, aliás, talvez seja uma das recomendações mais importantes em relação ao uso responsável da internet. E não só para os alunos, mas para os pais também, que precisam estar abertos para conversas francas e abertas sobre o assunto. O coordenador Laércio Carrer conta que alguns pais, demonstrando receio em relação aos “riscos do mundo virtual”, cogitam a proibição de acesso aos filhos. Não é o que a escola aconselha. “Não é desejável nem seria possível na prática. Orientar, sim, é possível. A escola pode ajudar muito nesse ponto”, diz o coordenador.

Riscos virtuais

O professor de informática do Sabin, **Paulo Fontes**, comenta alguns dos riscos que a internet pode proporcionar aos jovens:

- **Exposição da intimidade:** “Mesmo entre amigos, eles tendem a compartilhar demais – fotos, vídeos, senhas. É preciso alertá-los para que evitem esse erro.”
- **Cyberbullying:** “É muito sério, como o *bullying* é sério, e a solução é a mesma: denunciar a um adulto.”
- **Contato com estranhos:** “É um risco já bem assimilado pela maioria dos jovens. Comunicam-se com estranhos em *games*, em redes sociais, mas não falam coisas pessoais. Estão mais descolados que muito adulto.”
- **Vírus e hackers:** “Outro exemplo em que os nativos digitais se saem melhor que os adultos. Não se deixam enganar por *e-mails* ou propagandas falsas.”



FIM DE UM CICLO (II)

Assim como os alunos Marcela e Fábio, do 5º ano (*ver nota na página 5*), **Lucas Matheo** se prepara para encarar uma nova etapa da vida escolar. Concluinte do 9º ano do Fundamental, o jovem iniciará o Ensino Médio em 2015 e conversou com o MAIS sobre esse momento.

Como se sente às vésperas do Ensino Médio?

Com vontade de começar logo. Sou ansioso por natureza. Minha maior preocupação é que vai ser mais “puxado” – os amigos falam isso.

O Colégio tem ajudado a controlar a ansiedade?

O encontro com a Áurea [Bazzi, coordenadora do Médio] fez eu me sentir mais confiante. Ela me pareceu uma pessoa acolhedora. E os professores do 9º ano já vão preparando a gente para o ritmo do Médio, aceitando menos brincadeiras, dando explicações mais diretas e rápidas sobre os assuntos.

Lembra-se de quando iniciou o Fundamental II?

Lembro que foi a mesma coisa. Tem diferenças [entre o 5º e o 6º anos], mas com o tempo você percebe que a dificuldade é menor do que você pensava.

Por que ler os clássicos?

Os alunos **Lucca Sokabe** e **Lara Minami**, da 1ª série do Médio: seduzidos pelos clássicos.

Ao fazer a transição entre a leitura por diversão e a leitura adulta, alunos do Médio descobrem a força da grande Literatura.

Em 1797, numa Londres de ideias e costumes aristocráticos, Jane Austen sentou-se para escrever sobre a aluna do Sabin **Lara Tubertini Minami**. Foi mais ou menos isso o que Lara sentiu ao ler o clássico *Orgulho e Preconceito*, publicado há mais de 200 anos. Ao se envolver com o enredo criado por Austen, Lara viu na protagonista – Elizabeth Bennet, uma jovem inteligente e franca, crítica às hipocrisias e aos preconceitos da sociedade inglesa (mas também, ela própria, capaz de julgamentos apressados) – um reflexo de sua personalidade. “Eu entendi vários dos meus sentimentos lendo o livro”, diz a menina, aluna da 1ª série B do Ensino Médio. “Eu pensava: ‘Nossa, mas essa sou eu!’”

O encantamento de Lara pela obra ilustra bem a força dos clássicos literários, livros capazes de cativar leitores e de se manter relevantes durante séculos. Serve também para explicar por que o ensino de Literatura tem de fazer mais do que promover o gosto pela leitura – e muito mais do que exigir do aluno que memorize autores, títulos e escolas.

Para **Denise Masson**, doutora em Semiótica e Linguística Geral pela USP e professora de Literatura da 1ª série do Médio do Sabin, uma das funções dos

clássicos é “nos fazer perceber que não somos originais”. Segundo Denise, cada pessoa é “um composto de linguagem, um conjunto de conteúdos” – ideias, costumes, comportamentos, sentimentos – “transmitidos pela linguagem”. O cânone literário seria como um diálogo que a humanidade travaria consigo mesma ao longo de gerações, adotando e descartando visões de mundo, promovendo e contrapondo conceitos, amadurecendo, evoluindo.

“A história da Literatura é a história do Homem: fomos do teocentrismo dos trovadores medievais ao antropocentrismo de Camões, depois à culpa barroca dos sermões do Padre Antônio Vieira, e assim por diante”, diz a professora. Quanto maior o nosso contato com as obras que mais bem manejaram a linguagem, argumenta Denise, maior nossa capacidade de nos reconhecer nesse diálogo (“essa sou eu!”) e de participar ativa e conscientemente dele. Leríamos os clássicos para nos expressar melhor, para refletir melhor, para ampliar nossa compreensão do homem e de nós mesmos. “Para virar gente”, resume.

Não é qualquer livro, segundo Denise, que estaria à altura de tal missão, e aí residiria o valor dos clássicos. “Um dos nossos papéis, na 1ª série do Ensi-

no Médio, é iniciar a transição entre a leitura por diversão e a leitura adulta”, diz. Diferentemente de obras criadas para o consumo rápido e descartável, que demandariam baixo nível de concentração, os clássicos e a Literatura adulta em geral exigem do leitor repertório e competência interpretativa para revelarem toda a sua riqueza. “A grande Literatura é desafiadora, requer esforço, não gera um prazer fácil e imediato.” A chave do ensino de Literatura seria mostrar aos alunos que, apesar do esforço – ou mesmo *por causa do esforço* –, a leitura das grandes obras pode ser ainda mais recompensadora.

Foi o que Lara Minami descobriu com *Orgulho e Preconceito*. A jovem, que já conhecia o enredo através da adaptação para o cinema, pôde comprovar a máxima de que os livros são sempre melhores do que os filmes, depois de alugar um exemplar na Biblioteca do Sabin. “É *muuuuito* bom”, diz Lara, enfatizando sua admiração. “É muito bom perceber coisas novas

no texto, como figuras de linguagem, e sentir: ‘É isso! Entendi!’”

O aluno **Lucca Sokabe**, da 1ª D, concorda: “Sempre gostei de ler, mas antes lia mais por diversão. Agora a leitura é mais complexa. Denise nos mostrou isso”, diz o jovem, que se declara fã de títulos de fantasia, como os livros da série Harry Potter. “Agora decidi ler menos [esses livros] para priorizar a Literatura [os títulos trabalhados em sala de aula], porque a demanda é grande.” Ele não demonstra nenhum aborrecimento ao falar de tal decisão.

A professora ressalta que não vê problemas em livros como os de Harry Potter, inclusive reconhece sua utilidade: “Podem dar fôlego de leitura. Em tese, quem consome Harry Potter não abandonaria um livro só porque tem muitas páginas”. Títulos infantojovens cumpririam a função de aproximar o jovem do processo da leitura, assim como o cinema e a televisão o aproximariam do universo das obras clássicas. Denise, por exemplo, recomenda a minissérie *Os Pilares da Terra* (exibida em TV a cabo no Brasil) para os alunos visualizarem mais facilmente a vida em um feudo na Europa do século XII, contexto das canções trovadorescas trabalhadas em sala de aula. Pela mesma razão, recentemente os alunos da 1ª série assistiram, também sob recomendação da professora, ao espetáculo *Inês – Gil Vicente por ele mesmo*, cujo enredo traz Gil Vicente, primeiro grande dramaturgo português, no processo de criação de sua *Farsa de Inês Pereira*.

Nem TV, nem cinema ou teatro, porém, substituem o contato com os textos originais dos grandes clássicos. E o sucesso do aprendizado pode ser medido pela consciência que os alunos tiverem disso. “Ler é fundamental para a formação do ser, porque vai montando nossas características, nosso jeito de lidar com as situações, vai melhorando nossa visão sobre nós e sobre o outro”, diz Lucca.

Aymar e Denise: oportunidade de parceria.

VERSÃO BRASILEIRA

Em uma aula recente da 3ª série do Médio, **Aymar Macedo** exibiu um vídeo, em inglês, sobre o sistema reprodutivo humano, quando alguns alunos perceberam um problema: “A legenda está errada”. Encontrado no *Youtube*, o vídeo tinha erros que só seriam identificados por alguém com bom conhecimento de Biologia e de Inglês. Surgiu, assim, a ideia: um projeto interdisciplinar que encarregasse os alunos de novas legendas para vídeos sobre os sistemas do corpo humano. Aymar falou com a coordenadora de Inglês, **Denise Araújo**, que viu na proposta uma oportunidade: “Tivemos de encaixar o projeto no planejamento de aulas, mas a ideia era boa: uma atividade extra que requer as quatro competências – *listening, speaking, writing e reading* –, mobilizando os alunos em pesquisas e discussões”, diz Denise. Para Aymar, embora a atividade não tenha valido nota em Biologia, valeu algo maior: “Quando eles produzem um vídeo desses e discutem sobre o conteúdo, isso dá ancoragem ao aprendizado. A segurança de que aprenderam não é importante só para mim, mas para eles, principalmente nessa fase pré-vestibular”. O mais interessante, diz Aymar, é que, num projeto que envolve professores de três disciplinas (a terceira é Informática), são os alunos os que transitam melhor entre os três assuntos. “O que está alinhado com o conceito de aluno como protagonista do aprendizado e de professor como mediador.”





Cultura de cooperação

Como os professores de atividades culturais do Sabin se tornaram um grupo mais coeso e o que o Colégio tem a ganhar com isso.

Uma tarde de início de outubro. No Anfiteatro Picasso, alunos do 9º ano ensaiam cena da peça “Encontros e Despedidas”, que apresentarão no VIII Festival Sabin de Teatro. Na plateia, o professor **Ricardo Sonzin Jr.** não está satisfeito. “Que tá havendo, gente?”, interrompe. “Por que estão inseguros? Têm de cantar com mais força, causar impacto. Desafinem, mas causem impacto!” Ricardo sabe que pode cobrar e contar com a maturidade do grupo – não foi à toa que eles venceram o Festival de Teatro do ano passado, merecendo os prêmios, entre outros, de melhor peça e melhor elenco.

Enquanto isso, **Josenildes Freitas** e **Valéria Tini** dão aulas de Espanhol a duas turmas do Ensino Médio no prédio Monet, onde, uma hora antes, a professora **Telma de Oliveira** havia se reunido com outro grupo do 9º ano para discutir ações do Projeto Voluntário.

Tarde anterior, mesmo horário. O professor Ricardo dirige o ensaio de atores do 7º ano (“João Romeu e Ma-

ria Julieta”), enquanto, um andar e meio acima, na Sala de Música do mezanino do prédio Picasso, a professora **Mariana Carvalho** rege um Coral de alunos de 2º e 3º anos do Fundamental. No prédio Monet, alunos do 6º ao 9º anos recebem aulas de Robótica ministradas por profissionais da empresa Lego Zoom, sob a supervisão do professor de Informática do Sabin, **Paulo Fontes**.

Mas o que tem a ver tudo isso? O que Teatro, Robótica, Espanhol, Coral e Voluntariado têm em comum? De fato, até o ano passado, pouca coisa. Desde o início deste ano, porém, os professores responsáveis pelas atividades culturais do Programa Sabin+Esportes&Cultura (das quais todas essas fazem parte, além de Oficina de Arte, Teatro de Inglês e Orientação Profissional e Empreendedorismo) têm formado um grupo mais coeso, com reuniões quinzenais para compartilhar o que cada um está fazendo, estabelecer parcerias e propor novas iniciativas.

“O grupo de Cultura sempre foi, por natureza, mais diverso que o grupo de Esportes; por isso, a interação entre as atividades culturais não é tão natural como é entre as modalidades esportivas”, analisa a mantenedora do Sabin **Cristina Godoi**, que neste ano assumiu a coordenação geral do Programa. “Tomamos a decisão de unir mais o grupo porque notamos que algumas dificuldades diziam respeito a todos – por exemplo, conflitos de agendas e horários – e porque a colaboração entre professores pode abrir boas perspectivas.”

A primeira prova mais evidente de fortalecimento do grupo se deu na XIII Olimpíada Sabin, que, contando com a participação de todos, foi a mais bem organizada até

Quem faz a Cultura do Sabin+Esportes&Cultura?

Angélica Micheletti, professora de Coral

Cris Ferraz, professora de Oficina de Artes

Cristina Godoi (mantenedora do Sabin), coordenadora do Programa Sabin+Esportes&Cultura

Dionéia Menin (coordenadora pedagógica da Educação Infantil e Ensino Fundamental I), assessora de Música

Elaine Giacomelli, professora de Coral

Josenildes Freitas, professora de Espanhol

Laércio Carrer (coordenador pedagógico do Ensino Fundamental II), professor de Orientação Profissional e Empreendedorismo

Mariana Carvalho, professora de Coral

Paulo Fontes, professor de Robótica

Ricardo Sonzin Jr., assessor de Cultura, professor de Teatro e de Orientação Profissional e Empreendedorismo

Roberta Moretti, professora de Oficina de Artes

Roberto “Bob” Pardo, professor de Teatro de Inglês

Telma de Oliveira, professora do Projeto Voluntário

Valéria Tini, professora de Espanhol

hoje. A professora de Artes **Roberta Moretti** explica: “Antigamente, éramos só eu, **Cris Ferraz** [professora de Artes], Paulo e Ricardo os envolvidos do lado cultural. Dessa vez, todos ajudaram a organizar as questões do Sabidão, de várias disciplinas. Telma e Bob [o professor de Teatro de Inglês, **Roberto Pardo**] foram assistentes de palco. Todos dividimos as tarefas”.

Para Ricardo, os efeitos deste primeiro ano de reuniões sistemáticas ainda são mais sentidos, na prática, pelos próprios professores. Para ele, que, além de professor de Teatro e de Orientação Profissional e Empreendedorismo, é também assessor de Cultura do Colégio – e como tal assume posição de liderança no grupo, junto a Cristina Godoi –, o momento é o de fomentar um espaço fértil de diálogo. “Nem eu nem Cristina somos centralizadores. Cada professor tem liberdade de implementar suas ações, mas é importante que todos falem a mesma língua e sejam ouvidos”, diz. O resultado, segundo o assessor, é que seus colegas “estão se sentindo confiantes e energizados” para discutir formas de enriquecer o Programa Sabin+Esportes&Cultura. Por que não, por exemplo, montar um grupo de Teatro em Espanhol, assim como o de Inglês? Ou por que não criar um coral extra, de alunos mais velhos que não tenham conseguido se juntar ao Coral oficial do Colégio, mas que queiram continuar cantando? Ricardo não revela os próximos passos do grupo, mas admite, com um sorriso: “Por que não?”

A coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I, **Dionéia Menin**, que participa do grupo de Cultura como assessora de Música, cita a importância da integração para resolver um dos maiores desafios: o de sobreposição de agendas. “Algumas atividades culturais ocupam o mesmo espaço, como peças de Teatro, aulas abertas do Coral, palestras para pais e alunos... Por isso temos de ser cuidadosos na organização e no agendamento de datas”, diz Dionéia. “Temos de dar o mesmo valor para todas as apresentações.”

Já Telma de Oliveira considera que a maior proximidade do grupo permite a ela comunicar com mais força, para o corpo docente, os princípios do Projeto Voluntário – que, afinal, refletem os valores de responsabilidade socioambiental do Colégio Albert Sabin. “Se antes o Projeto Voluntário ficava um pouco isolado das demais atividades, agora esse grupo nos ajuda não só a mostrar o que estamos fazendo, mas também a reforçar os ideais do Sabin”, diz.

Além disso, Telma não esconde a alegria ao anunciar a novidade para o ano de 2015: “A partir do ano que vem, os alunos poderão se matricular em duas atividades culturais do Sabin+Esportes&Cultura, não mais em uma só”, diz a professora, que considera a decisão do Colégio consequência direta do engajamento entre seus colegas.

Uma inegável conquista para o grupo de Cultura do Sabin, que atinge a sua maturidade.



Alessandra Kiyohara é aluna da 3ª série B do Ensino Médio e autora desta matéria.

Gritos e sorrisos

Aluna da 3ª série fala da alegria e da responsabilidade de participar de sua última Olimpíada Sabin.

Entre *minions*, tartarugas ninja, dragões chineses e super-heróis, os alunos, da Educação Infantil ao Ensino Médio, jogaram por suas cores. Dos gritos de guerra até as coreografias, toda a dedicação e o carinho foram dados. As provas foram cumpridas com paixão, os esportes vencidos com garra. Não é surpresa dizer que, em meio a tantos valores, a XIII Olimpíada Estudantil Sabin tenha sido um sucesso.

De 22 de setembro até 1º de outubro, o Colégio parou. Pelos pátios, quadras, ginásios e anfiteatros, não se viu outra coisa além de torcida e animação. Na Olimpíada, as quatro cores (verde, vermelho, amarelo e azul) disputaram diversas atividades em prol da integração escolar, do esporte e da cultura.

Mas isso não começou do nada, tudo foi planejado com meses de antecedência pelos próprios alunos. A escolha das mascotes, as músicas, as coreografias foram decididas em equipe, por meio de redes sociais e de reuniões. A participação coletiva foi essencial para a realização do evento e, provavelmente, o motivo de seu sucesso.

Apesar de sabermos que seria um trabalho muito grande, fomos

atrás de pintar bandeira, montar a fantasia da mascote e organizar tudo o que era preciso. De uma hora para outra, vimo-nos responsáveis por fazer dessa Olimpíada a melhor, pois, para nós, da 3ª série do Ensino Médio, essa seria a última. Além disso, responsabilizamos-nos por trazer momentos intensos e inesquecíveis para cada aluno.

O dia a dia durante a semana de Olimpíada se tornou mais alegre com a expectativa de que as cores tivessem se saído bem. As crianças corriam de um lado para o outro atrás de tampinhas e realizando atividades para o Sabidão. As pessoas estavam cada vez mais unidas para fazer com que cada minuto fosse especial e intenso.

No fim da Olimpíada, a saudade da convivência com pessoas de séries diferentes, que havia virado rotina, era sentida. Cada segundo tinha valido a pena, e, se possível, voltaríamos no tempo para sentir aquele friozinho na barriga no fim de cada dia, esperando pelo resultado de cada cor. A união fez a diferença em gritos, desesperos e sorrisos, e cada momento será lembrado no coração de cada um.

